

## **Balanço das narrativas historiográficas catarinenses sobre a história da escravidão e a possibilidade da História Global, 1960-2017**

*Balance of the historiographic narratives of Santa Catarina on the history of slavery and the possibility of Global History, 1960-2017*

Victor Vilmar Alexandre<sup>1</sup>

[victor.a.99@hotmail.com](mailto:victor.a.99@hotmail.com)

Universidade Federal de Santa Catarina

**Resumo:** Esse trabalho tem como proposta, em primeiro lugar, efetuar um balanço das diferentes narrativas que passaram o tema da escravidão em Desterro e adjacências, sobretudo dos anos de 1960 até 2017. Em seguida, busca-se realçar os pressupostos historiográficos presentes nos trabalhos do Programa de Pós-graduação em História (PPGH) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), com o intuito de realçar os tratamentos historiográficos do tema da escravidão em Santa Catarina. Por fim, será investigado de que forma a História Global pode configurar um campo a mais de possibilidade para o estudo do escravismo catarinense.

**Palavras-chave:** Historiografia; Escravidão; História Global.

**Abstract:** This work has as its purpose, firstly, a balance of the different narratives that went through the theme of slavery in Desterro and its surroundings, especially from the years 1960 to 2017. Then, it is sought to highlight the historiographic assumptions present in the works of the program (PPGH) of the Federal University of Santa Catarina (UFSC) and the State University of Santa Catarina (UDESC), with the aim of highlighting the historiographic treatments of the subject of slavery in Santa Catarina. Finally, it will be investigated how the global history can configure an additional possibility in the studies of the slavery in Santa Catarina.

**Keywords:** Historiography; Slavery; Global History.

### **Introdução**

O presente estudo tem como objeto a historiografia da escravidão em Santa Catarina (SC), desde os estudos considerados como clássicos até a produção mais recente, exemplificada pelos estudos da PPGH/UFSC. Um balanço anterior foi realizado pelo historiador Fabiano Dauwe<sup>2</sup>, que examinou a produção acadêmica sobre a escravidão em SC num livro organizado para comemorar os 35 anos do programa de Pós-graduação em História da UFSC. O autor fez um levantamento das maiores influências teóricas aos pesquisadores da UFSC relacionados à

---

1 Graduando do curso de Bacharelado e Licenciatura em História da Universidade Federal de Santa Catarina.

2 DAUWE, Fabiano. Os estudos sobre escravidão em Santa Catarina. In: FLORES, Maria Bernardete Ramos e BRANCHER, Ana Lize (org.). **Historiografia 35 anos**. Florianópolis (SC): Ed. Letras Contemporâneas, 2010, p. 44-59.



escravidão e de como estavam sendo os estudos sobre a escravidão na PPGH até o ano de 2009. Tendo a mudança da área de concentração do PPGH/UFSC em 2017 para História Global torna-se importante realizar um novo balanço dos trabalhos de 2010 até 2017 e expor suas linhas historiográficas nos estudos do escravismo catarinense.

As obras escolhidas para a pesquisa são as que se tornaram momentos de mudança na concepção de escrita da história – neste caso da escravidão em SC – não que sejam rupturas, mas que invocam diferentes métodos e questões sobre o tema da escravidão. Por isso, não se presa somente os trabalhos produzidos em SC. Também não se tem a pretensão de abarcar todas as obras que puderam acarretar uma outra perspectiva sobre o escravismo catarinense, mas aquelas que foram se tornando clássicas e com isso revisitadas e criticadas com as novas gerações de historiadores que trataram da escravidão em SC.

A pesquisa nos PPGH da UFSC e UDESC em seus bancos de dissertações e teses disponíveis online foi rápida, e visa as preocupações dos historiadores em suas linhas de pesquisa sobre a escravidão. Essa exposição de dissertações e teses foi para prestigiar esses estudos que se propuseram a tratar da temática de alguma forma em SC.

Seguindo essa proposta o texto visa refletir acerca da historiografia sobre a escravidão nas obras ponderadas como clássicos e os estudos sobre SC de 2010-2017 na PPGH/UFSC e UDESC. Para então apresentar a História Global como um campo a mais de possibilidade de escrita da História em SC acerca da escravidão.

Para explorar, as diferentes narrativas historiográficas que pensaram a escravidão em SC, utilizaremos da sistematização realizada pela historiadora Cristina Scheibe Wolff<sup>3</sup> e o trabalho realizado<sup>4</sup> pelo historiador Rafael de Bivar Marquese<sup>5</sup> sobre o conceito de capitalismo e seu balanço da historiografia sobre a escravidão brasileira.

As obras que são referências sobre a escravidão em SC de Oswaldo Rodrigues Cabral e Walter Fernando Piazza nos possibilitam vislumbrar como esses intelectuais do Instituto Histórico e Geográfico de SC (IHGSC) abordaram a História da escravidão em seus livros.

---

3 WOLFF, Cristina Scheibe. Historiografia catarinense: uma introdução ao debate. **Revista Santa Catarina em História**, v. 3, n. 1, p. 52-61, 2010. A historiadora diferencia as principais características das narrativas históricas de SC com base teórico-metodológica em Peter Burke. Além disso, identifica “obras que se pretendem estaduais e geralmente dão grande importância a eventos políticos de âmbito municipal, local, enquanto o terceiro grupo produz uma história centrada em temas e questões-problemas.” p.53.

4 Sabe-se do risco que é tentar enquadrar historiadores em certas chaves historiográficas, mas para mostrar as diferentes formas que houve sobre a escrita da história da escravidão em SC precisa-se encaixá-los em certas tendências.

5 DE BIVAR MARQUESE, Rafael. As desventuras de um conceito: capitalismo histórico e historiografia sobre a escravidão brasileira. **Revista de História**, n. 169, p.223-253, 2013.



Depois, avançamos para os estudos de Octavio Ianni e Fernando Henrique Cardoso e algumas repercussões de suas obras nos historiadores de SC. E o livro colaborativo “Negro em terra de branco” organizado pela historiadora Joana Maria Pedro da UFSC que foi resultado de novas perguntas/problemas nos estudos sobre escravidão em SC. Essa apuração busca introduzir a historiografia de SC sobre a escravidão e realçar o debate sobre o tema.

### **A historiografia catarinense sobre a escravidão**

Os autores do IHGSC, Oswaldo Rodrigues Cabral e Walter Fernando Piazza são grandes construtores de narrativas sobre Desterro. Fazendo-os um enquadramento de suas vertentes historiográficas, de acordo com Wolff os autores estariam escrevendo dentro de uma perspectiva da História tradicional<sup>6</sup>. O primeiro autor escreveu vastas obras de SC, a exemplo do livro “Nossa senhora do Desterro”, obra considerada como monumental sobre a História dessa região. Nesta obra às vezes que o autor mencionou a escravidão possibilitou identificar o cotidiano dessas pessoas da cidade de Desterro. Porém Cabral ainda via com “estranhamento” aos males nas relações dos senhores e dos escravos e, seu enfoque maior foram as grandes autoridades nesse entrelaçamento, ou seja, não prestava destaque aos afrodescendentes, escravos ou libertos<sup>7</sup>.

Mesmo sendo rico em dados de jornais da época e documentos, a professora Joana Maria Pedro em um artigo sobre “Escravidão e preconceito em Santa Catarina: História e historiografia” criticou a obra de Cabral e a de Piazza, e salienta a sua falta de crítica as fontes, sendo considerado como uma análise neutra<sup>8</sup>. Todavia, o objetivo maior de Cabral era traçar o desenvolvimento de Desterro do séc. XVIII-XIX; enaltecendo grandes políticos e eventos; por certo, seus livros buscavam de alguma forma construir a memória de Desterro pelo lócus hegemônico.

Os estudos econômicos do historiador e membro do IHGSC Walter Fernando Piazza geraram repercussão nos estudos da escravidão em SC. Como na obra “O escravo numa economia minifundiária”. Uma História que visa comparar a economia escravista de Desterro

---

6 WOLFF, Cristina Scheibe, op. cit. p.55. Embora Piazza não se encaixe totalmente nessa classificação, haja vista, que há obras relacionadas à economia, por exemplo.

7 CABRAL, Oswaldo R. **Nossa Senhora do Desterro**: memória. Editora Lunardelli, 1979. Ver também: CABRAL, Oswaldo R. **História de Santa Catarina**. Editora Laudes, 1970.

8 PEDRO, Joana Maria. **Escravidão e preconceito em Santa Catarina: história e historiografia**. LEITE, Ilka B. et. al. **Negros no sul do Brasil: invisibilidade e territorialidade**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1996.

com a dos grandes centros do Brasil. No entanto, esta análise influenciou certas características de “província periférica” e de “pouca importância”, isto é:

E deve-se aqui considerar que foi a existência da pequena propriedade, predominantemente, que mais acelerou o alijamento do braço escravo do cenário agrícola catarinense, *pois a família do agricultor – quase sempre muito numerosa-, prescindia do auxílio escravo (...) no planalto (...) condiz com a existência de escravos naquela região catarinense, mas, sem ser exageradamente importante*<sup>9</sup>.

Colocou-se Desterro em relação ao contexto mais amplo para dizer que a produção não se equivalia às do café e do açúcar de outras regiões do Brasil, pois de fato não havia grandes *plantations*, entretanto, corroborou-se Desterro como uma economia voltada para a subsistência. Também reforçou uma semelhança entre o trabalhador livre europeu com o escravo por sua pobreza, mas, na verdade isso camufla as relações de poder entre eles e, portanto, suas assimetrias, e na formação da História de SC deixa os escravos como agentes sociais e históricos menos “importantes”. Levando isso em conta Piazza argumenta que o tráfico de cativos na província minimizou, conseqüentemente a economia escravista não teve impacto em Desterro. As críticas de Joana M. Pedro<sup>10</sup> novamente cabem, para a autora Piazza ao tratar da escravidão deixa-a “irrelevante” em razão da imigração europeia. E ao mesmo tempo que o contingente de africanos no litoral se tornou obsoleto.

Piazza em sua obra “A escravidão negra numa província periférica” ao tratar da história da escravidão em SC busca também remontar um passado comum dessa escravidão ao longo do tempo, “Na História da Humanidade, desde os tempos imemoriais, se tem a escravidão como forma de sujeição dos vencidos aos vencedores” e continuava “Na mais recuada Antiguidade aos povos derrotados, subjugados, restava a escravidão!”<sup>11</sup>. Nessa forma de narrar que Piazza por vezes coloca seus argumentos, sem críticas a essa “sujeição dos vencidos” e sua perpetuação de forma linear no tempo histórico.

Já os sociólogos Octavio Ianni e Fernando H. Cardoso no livro chamado “Cor e mobilidade Social em Florianópolis” um estudo das populações de origem africana no Sul do Brasil, tinham como expectativa explicitar mais eficientemente em seus estudos as relações do

---

9 PIAZZA, Walter Fernando. **O escravo numa economia minifundiária**. São Paulo. Resenha Universitária. 1975, p.83. (destaque nosso). Ver também: PIAZZA, Walter Fernando. **A escravidão negra numa província periférica**. Garapuvu, 1999.

10 PEDRO, Joana Maria. op. cit., p.234-235.

11 PIAZZA, Walter Fernando. op. cit. p.33.

racismo na escravidão<sup>12</sup>. Ao analisar a escravidão tiveram dificuldades de romper com a narrativa tradicional, não que fossem seus objetivos, na verdade seus estudos também estavam preocupados numa análise econômica da escravidão. Em virtude da questão comparativa com as outras regiões do Brasil, nessa perspectiva econômica e social, os autores configuraram as relações de poder entre senhores (imigrante europeu pobre também) e escravos como se fossem mais brandas. Principalmente pela forte imigração europeia em SC e sua relação com o campo, fazendo-se acreditar que por não haver *plantations*, homens de grandes riquezas, consideraram os trabalhos dos escravos e dos imigrantes europeus semelhantes o que tornou as relações mais harmônicas e menos desiguais, semelhante com as ponderações de Piazza acima<sup>13</sup>.

Na historiografia, esses autores de acordo com Wolff escrevem numa linha da história temática, assim envolvidos em tendências mais estruturalistas, com questões/problemas esses estudiosos marxistas se destacam na história econômica<sup>14</sup>. Também se preocuparam com a democracia racial; além de contribuírem com a denúncia ao modo de vida dos afrodescendentes em SC. Mas suas conclusões dialogaram com as tendências tradicionais, principalmente pela leitura dos clássicos de Oswaldo R. Cabral e Henrique Fontes, deixou-os presos também nas classes mais hegemônicas e, como resultado, tiveram dificuldades em se distanciar da democracia racial<sup>15</sup>.

Em pesquisa conjunta de estudantes da graduação e pós-graduação em História da UFSC no início dos anos 90, escreveu-se um livro organizado por Joana Maria Pedro chamado “Negro em terra de branco”. Assim, levados a problematizar os autores descritos acima, procurando dar destaque aos afrodescendentes libertos ou escravos, e buscando questionar os preconceitos nas fontes e o racismo, que esse livro foi dedicado a confrontar.

Com efeito, essa obra já está relacionada ao campo historiográfico que se tornou frutífero aos futuros historiadores da escravidão em SC – principalmente com a nova história – a História Social<sup>16</sup>. Uma obra iniciante nessa temática, ainda mesclava aspectos estruturais e

---

12 IANNI, Octavio; CARDOSO, Fernando Henrique. **Cor e mobilidade social em Florianópolis**. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 1960.

13 DAUWE, Fabiano. op. cit., p. 50.

14 WOLFF, Cristina. op. cit., p.59. Também se destacam pela “(...) interdisciplinaridade com relação a outras ciências sociais, a atenção a fontes muitas vezes desdenhadas pelos historiadores tradicionais, tais como a iconografia e a literatura, bem como a possibilidade de centrar os estudos em temas e processos antes colocados à margem da história, foram algumas das modificações instituídas”. p.58.

15 FREYRE, Gilberto. **Casa-grande e senzala**. Univ. of California Press, 1986. Democracia racial é uma crítica de alguns historiadores e sociólogos que interpretam a obra de Gilberto Freyre, mas, também de outras obras do período. E em São Paulo havia um projeto, encabeçado por Florestan Fernandes, que buscou sair dessa percepção da escravidão brasileira, Octavio Ianni e Fernando H. Cardoso estavam relacionados, mas ao analisarem SC não conseguiram romper totalmente esses lócus.

16 WOLFF, Cristina. op.cit., p.60.



sociais. Na questão econômica os autores conseguem desenvolver olhares para o excedente econômico de Desterro para além das fronteiras Nacionais:

Santa Catarina se integrou ao processo geral de colonização do país, que visava a exportação para o mercado internacional (...) a pesca da baleia, pelos altos lucros que proporcionava (...) tal ocupação exigia maior concentração de capital e, conseqüentemente, a participação de maior número de escravos<sup>17</sup>.

Diferentemente de Piazza, que rotula geralmente a economia na forma de subsistência. Na verdade, concordam que Desterro não estava efetivamente “ao mesmo nível” das *plantations* e, de certa maneira, não se equivalia às demais partes do Brasil. No entanto, souberam compreender os alcances internacionais dessa economia, e identificaram a sua integração a um sistema mais abrangente da escravidão<sup>18</sup>. Também, percebe-se que os autores estão mais interessados nas relações sociais de poder, os preconceitos em fontes como jornais, o que evidencia a profissionalização do historiador em SC e sua proximidade com as tendências historiográficas do momento. Por exemplo, ao verem os jornais “num meio social concreto” que também leva as visões da elite, “(...) a questão do preconceito, uma das características marcantes destes jornais é a racialização de suas notícias e informações. Ou melhor, a racialização das notícias e informações pelo lado do negro”<sup>19</sup>.

Ademais, os olhares desses historiadores começaram a sair dos aspectos macro políticos (de grandes autoridades e eventos), contrapondo-se aos autores descritos acima. Marquese identifica essa questão com a “crise das grandes narrativas” que foram causadas pelas críticas ao estruturalismo e o marxismo nos anos 1970<sup>20</sup>. No entanto, sabe-se que essas mudanças não ocorrem ao mesmo tempo em todos os centros universitários, em SC essas mudanças foram mais progressistas, até mesmo no livro supracitado.

Esse mapeamento de diferentes perspectivas e autores que, de alguma forma, trataram da escravidão em SC, é para destacar que com o passar do tempo as preocupações dos historiadores foram se alterando em relação aos seus contextos, surgindo novas perguntas. Por isso, tratarei das pesquisas de pós-graduação em História da UFSC e UDESC de 2010-2017 com o intuito de mapear também as suas linhas de pesquisa.

---

17 PEDRO, Joana Maria. **Negro em terra de branco**: escravidão e preconceito em Santa Catarina no século XIX. Mercado Aberto, 1988. p.15-17.

18 PEDRO, Joana Maria. op.cit. p.9-18.

19 PEDRO, Joana Maria. op. cit. p. 38.

20 DE BIVAR MARQUESE, Rafael. op. cit. p. 228-229.

## PPGH da UFSC e UDESC dos anos de 2010-2017, e suas linhas historiográficas sobre a escravidão em SC

Nos anos 2000, o campo de pesquisa sobre a escravidão em SC se expandiu de forma significativa. Isso, se dava também em outros aspectos da História da escravidão que começaram a ser investigados<sup>21</sup>. Relacionados às mais novas tendências historiográficas, os professores e os estudantes da PPGH da UFSC<sup>22</sup> aumentaram consideravelmente as pesquisas, até o ano de 2009, tratavam dos seguintes temas: à abolição dos escravos, seus costumes, e suas efetivas participações em Desterro<sup>23</sup>.

Sobre as dissertações e teses da PPGH/UFSC do ano de 2010-2017<sup>24</sup>, percebe-se a continuação da História social e cultural que embasou os avanços dos temas acima. Como na dissertação de 2011 da Fernanda Zimmermann<sup>25</sup>, que destaca uma estrutura econômica local, mas seu olhar é para os escravos e sua real participação nas fortunas, relações de trabalho e estratégias para sobreviver num processo de desbravar as questões subjetivas desses sujeitos. Em 2014 mais uma dissertação com a pesquisa relacionada aos africanos em SC, de Fernando Bartholomay Filho<sup>26</sup> cuja preocupação gira em torno da memória da abolição da escravidão nas imprensas de SC. Também explica sobre as diferentes narrativas que influenciaram esse momento histórico, através de intelectuais e jornais, também com os membros do IHGSC etc. e seu estudo visa problematizar esses discursos, e eventos comemorativos que a partir da abolição se tornaram festivos, como 13 de Maio.

---

21 Quando se pensa sobre a ampliação dos estudos de escravidão em SC, quantitativamente e qualitativamente, deve-se falar sobre a professora e historiadora Beatriz Galloti Mamigonian que em grande parte dos trabalhos dos pós-graduandos neste artigo passaram por sua orientação. Adiante veremos um pouco do trabalho dessa historiadora e sua contribuição também para a História global.

22 Na nossa pequena pesquisa sobre dissertações e teses que tratavam da escravidão na PPGH da UDESC só encontramos um trabalho de 2011. Bom, cabe lembrar que a pesquisa na plataforma foi com a palavra “história da escravidão em SC”. Mas a dissertação também se encaixava à essas novas tendências.

23 DAUWE, Fabiano. op. cit., p.50-54.

24 Ou seja, o levantamento foi baseado nas titulações das dissertações e teses, portanto as que tratavam do tema escravidão, mas não estava em seu título não foi relacionada a pesquisa. Porque não buscamos esgotar as pesquisas dos pós-graduandos que tratam desse tema, mas apenas elucidar algumas tendências maiores nesse campo de pesquisa.

25 ZIMMERMANN, Fernanda. **De armação baleeira a engenhos de farinha: fortuna e escravidão em São Miguel da Terra Firme-SC: 1800-1860**. 2011. 142f. Dissertação (em História). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

26 BARTHOLOMAY, Fernando Filho. **A memória da abolição em Santa Catarina: imprensa, cultura histórica e comemorações (1889-1930)**. 2014. 145f. Dissertação (em História). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

Já em 2015 o trabalho do Jaime José dos Santos Silva<sup>27</sup>, exibe uma preocupação com a cultura afro-brasileira em SC, por isso, ele quer traçar o contexto histórico da dança Cacumbi, suas distintas repercussões a variados autores. De forma diacrônica Jaime percebe as disputas, os jogos de interesses nessa memória e, de modo geral, como o Cacumbi foi sendo visto desde “incivilizado” a uma grande celebração. Por fim, já no ano de 2016, mas sem ser SC o alvo de discussão, Ariana Moreira Espíndola<sup>28</sup> escreveu sua dissertação baseada na lei de matrículas de escravos nos anos de 1871, assim a autora visa historicizar essas matrículas, com a sua efetividade na prática e como os escravos e senhores a utilizaram, como expressão para a liberdade ou para a escravidão<sup>29</sup>. Na UDESC encontrou-se a dissertação da Janaina Amorim da Silva de 2011 que buscava no pós-abolição na cidade de São José em SC as trajetórias dos afrodescendentes, suas memórias, resistências, trabalhos e espaços que frequentavam; também a agência desses afrodescendentes e suas redes de sociabilidade que permitiram “burlar as dificuldades do pós-abolição”<sup>30</sup>.

Sobre as pesquisas expostas pode-se tirar algumas considerações dos trabalhos que tratam da escravidão em SC nos anos de 2010-2017. Espacialmente buscou-se um maior conhecimento do local em que afrodescendentes, escravos e libertos se relacionavam, resistências e, portanto, sua esfera de ação no campo social e cultural. Temporalmente também se percebe uma maior concentração de trabalhos realizados sobre o século XIX e XX. Já a escravidão no período colonial em SC ainda não foi explorada nas dissertações e teses. Em relação a tendência historiográfica nesses últimos 7 anos, mostra-se a inserção do pensamento thompiano, a micro-história e a história cultural francesa, por exemplo, que são bases historiográficas da área de concentração que esses trabalhos se envolveram, isto é, na linha de História Social e Cultural. Embora os pressupostos teóricos se alterem de uma pesquisa para outra, por suas escolhas temáticas e seus recortes espaciais e temporais muitos de seus objetivos se conectam.

A nova historiografia da escravidão pretende compreender os demais sujeitos também como atores sociais que não se reduzem às relações de dominação e exploração. As linhas de

---

27 SILVA, Jaime José dos Santos. **Memórias do cacumbi**: cultura afro-brasileira em Santa Catarina, século XIX e XX. 2015. 197f. Dissertação (em História). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

28 Mostrou-se essa dissertação para evidenciar o campo teórico e metodológico que foi utilizado para tratar da escravidão. Mesmo não sendo um trabalho que envolve Santa Catarina diretamente.

29 ESPÍNDOLA, Ariana Moreira. **Papéis da escravidão**: a matrícula especial de escravos (1871). 2016. 251f. Dissertação (em História). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

30 DA SILVA, Janaina Amorim. **Tramas cotidianas dos afrodescendentes em São José no pós-abolição**. 57f. Dissertação (em História). Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.



pesquisa que os PPGH da UFSC e UDESC buscaram desenvolver seus estudos da escravidão em SC com essa perspectiva nos últimos 7 anos<sup>31</sup>. A contraponto dos avanços obtidos na historiografia brasileira a partir dessa perspectiva da “agência”, extraído do marxismo de Thompson, há uma linha da historiografia que crítica essa ênfase na agência histórica. Principalmente pelo abandono e um descaso com “os processos históricos de longa duração e os quadros globais mais amplos (...) as forças estruturais do capitalismo histórico”<sup>32</sup>.

A historiografia precisa dialogar com esse debate entre o foco da agência e das longas durações. A história global é uma perspectiva que possibilita a articulação entre essas duas tradições historiográficas. Jacques Revel considera que o jogo de escalas pode ser uma via de acesso ao passado onde possamos verificar as especificidades do cotidiano juntamente com os processos de longa duração. Sebastian Conrad traz a perspectiva da história global como uma forma de integrar o micro e o macro, seja temporalmente ou espacialmente, onde atores históricos se integram a dinâmicas globais, por exemplo<sup>33</sup>.

Neste sentido, com a mudança da área de concentração da PPGH/UFSC para História Global, far-se-á uma abordagem que espera contribuir para futuras pesquisas do tema, mais especificamente em SC.

### **Escravidão em Desterro e a História Global?**

No que perpassa os estudos atuais, a História Global configura-se de diferentes caminhos ao estudo da História. Para as pesquisas sobre a escravidão a abordagem da História Global pode servir para novas perguntas as fontes, hipóteses e abertura de possibilidades em locais onde a escravidão é vista como menos intensa. O argumento sugerido por Marcel Van der Linden para a História global do trabalho, por exemplo, cabe nesses casos específicos, a história global não precisa ser entendida apenas para explicar questões históricas em grandes

---

31 Com as suas especificidades nas áreas de concentração dos seus PPGH.

32 DE BIVAR MARQUESE, Rafael. op.cit., p.228-230. Seguindo essa perspectiva crítica, mas também reconhecendo os avanços para a história do trabalho com os estudos de E.P. Thompson ver o artigo: VAN DER LINDEN, Marcel. História do trabalho: o velho, o novo e o global. **Mundos do trabalho**, v. 1, n. 1, p. 11-26, 2009. O historiador Marcel Van der Linden quer avançar nos estudos sobre trabalho para além das fronteiras nacionais, isto é, a História Global do trabalho. Pois como lembra o historiador holandês, Thompson não se preocupou com as conexões transatlânticas na formação da classe operária inglesa, seu estudo ficou insular. Por isso, se apropriando das renovações dos estudos de Thompson, a História global do trabalho quer ir contra o eurocentrismo metodológico e mostrar os processos de integração da classe trabalhadora e da história do trabalho em escala global.

33 REVEL, Jacques. “Micro-história, macro-história: o que as variações de escala ajudam a pensar em um mundo globalizado”. **Revista Brasileira de Educação**, Vol. 15, No. 45 (set./dez. 2010). p. 434-444. CONRAD, Sebastian. **What Is Global History?** Princeton, N.J.: Princeton University Press, 2016.



escalas. Locais, famílias e indivíduos na escala da micro-história também cabem nessa perspectiva, como veremos mais adiante, e tornaria mais enriquecedor para a historiografia da escravidão, ou seja,

a história global do trabalho é um tipo de experimento intelectual que convida os historiadores a reconsiderarem os contextos mais amplos onde escrevemos nossas histórias, tentando prestar atenção nas dimensões comparativas de nossos temas e, de modo mais importante, nas conexões e entrelaçamentos que estão silenciosamente presentes em qualquer pesquisa histórica<sup>34</sup>.

Por isso, a exposição da História global neste trabalho não quer esgotar e definir um método específico para trabalhar com essa perspectiva, mas colocar mais uma possibilidade de escrita da História<sup>35</sup>. Não que ela seja totalmente nova, como Sebastian Conrad mostra há diferentes vertentes que escapam as fronteiras nacionais e possivelmente o eurocentrismo metodológico, como as histórias comparadas, entrecruzadas, transnacionais e outras<sup>36</sup>. Mas para o historiador alemão a história global se diferencia um pouco dessas vertentes por possibilitar a identificação de processos históricos integrados. Seja entre indivíduos históricos em sistemas econômicos e jurídicos de longa duração, como também espaços – locais – com as dinâmicas do capitalismo, por exemplo, e, em diferentes escalas de observação<sup>37</sup>.

Assim, para colocar essa abordagem em debate é importante elucidar que não se trata de excluir outras tendências historiográficas, haja vista, o que Serge Gruzinski diz é que “muitas foram as críticas formuladas em relação à natureza totalizante das chamadas ‘grandes narrativas’, tipicamente caracterizadas por uma qualquer forma de verdade transcendente ou universal”<sup>38</sup>. Em outras palavras, com o retirar dessas grandes narrativas e focalizar nas abordagens em determinados locais sem suas possíveis integrações, pode-se gerar estudos historiográficos isolados, que ao máximo comparam nas esferas nacionais<sup>39</sup>. E ao contrário, enfatiza-se a História Global para romper as fronteiras nacionais e consequentemente criticar o eurocentrismo que se carrega desde o século XIX<sup>40</sup>.

34 VAN DER LINDEN, Marcel. The Promise and Challenges of Global Labor History. **International Labor and Working Class History**, v. 82, p. 57-76, 2012 apud LIMA, Henrique Espada. No baú de Augusto Mina: o micro e o global na história do trabalho. **Topoi**, v. 16, n. 31, p. 571-595, 2015.

35 Para uma introdução a História Global é interessante os trabalhos de Sebastian Conrad citado acima. Ver também: SUBRAHMANYAM, Sanjay. Connected Histories: Notes towards a Reconfiguration of Early Modern Eurasia. **Modern Asian Studies**, v. 31, n. 3, p. 735-762, 1997.

36 CONRAD, Sebastian. op. cit., p. 37-62.

37 CONRAD, Sebastian. op. cit., p. 60-65.

38 GRUZINSKI, Serge. Até que ponto a história nos torna mais humanos? **Ler História**, n. 70, p. 185-197, 2017.

39 Portanto, o problema não é a História Local em si, mas o perigo de tornar o estudo ilhado.

40 CONRAD, Sebastian. op. cit. p.6-10.



Assim, recentemente, o historiador Henrique Espada Lima, trabalhou com duas perspectivas históricas: a da micro-história e a História Global, para contar a vida de Augusto Mina um escravo em Desterro. Antes de serem conceitos excludentes, viu-se ser possível adentrar na vida do sujeito e do sistema que o insere:

Podemos começar com a longa história do trabalho escravo: Augusto foi transportado para a costa brasileira por rotas tradicionais de intercâmbio de bens e mercadorias que a conectava às distantes margens da África, Europa e além. (...) Ele foi ilegalmente transportado para o Brasil, onde tratados internacionais e a lei local haviam tornado o comércio negreiro ilegal desde 1831. Capturado em 1850 em uma daquelas raras ocasiões em que aquela lei foi realmente colocada em prática, como resposta parcial à pressão britânica, Augusto foi colocado em uma nova categoria jurídica que foi criada pelas mesmas leis internacionais responsáveis pela abolição do tráfico no longo prazo (...) Augusto estava envolvido na infraestrutura das conexões mercantis entre a costa brasileira e o resto do mundo (...) Se Augusto estava consciente da natureza das suas relações com os outros, tanto as solidariedades quanto as hierarquias, então ele também entendeu as possibilidades de mobilidade social e reconhecimento abertas a homens como ele. A despeito da sua reputação, provavelmente acurada, de ser muito cioso do seu dinheiro e pouco afeito a gastos, ele certamente prestava uma atenção considerável na sua autoapresentação, e em seus raros momentos de lazer ou de apresentação pública fora do trabalho, podemos facilmente imaginá-lo vestindo seu costume preto, com sapatos, gravata de cetim e outros itens finos encontrados entre os pertences avaliados em seu inventário<sup>41</sup>.

Visto isso, o autor consegue trabalhar com a “agência” de Mina no seu espaço de relações, explicita-se sua vida material e social, seu espaço de trabalho, o seu inventário etc. na escala da micro-história. E, além disso, soube relacionar as estruturas do sistema da escravidão, envolvendo os limites e acessos de sua personagem, ou seja, num nível de integração da História de Augusto Mina com o sistema estrutural da escravidão, conseguiu-se sair do Baú de Mina até suas conexões além-mar.

Esse caminho que se abre para a História com a abordagem da História Global, também como processo, está imbricado a complexas escalas de integrações cuja sua explicação deve considerar como horizonte a História desse mundo conectado. E, portanto, pensar a História de SC, nesse caso mais especificamente a escravidão nela como parte integral do todo, é antes de mais nada retirar esse rótulo de não pertencimento a História “maior”.

Como expoente em muitos trabalhos sobre a escravidão em SC, a historiadora Beatriz Galloti Mamigonian (2006), de diferentes formas, mostra desde as distintas etnias africanas que

---

41 LIMA, Henrique Espada. op. cit, p.585-589.

chegaram a Desterro e seus conflitos entre si, e o processo de mestiçagem nesses embates culturais e sociais as conexões possíveis de Desterro com outras partes do globo. O fluxo econômico de Desterro e sua efetiva participação nas compras de escravo, também do tráfico, seja diretamente ou indiretamente, faz-se clara a sua ligação a instituição escravista<sup>42</sup>. Sendo assim, com esse e os outros caminhos apontados acima, torna-se perceptível o quão possível é escrever efetivamente a História de Desterro e adjacência numa perspectiva da História Global. Não somente como coadjuvante nessa temática, por suas especificidades, mas como integrada a uma longa duração da instituição escravagista.

## Referências

BARTHOLOMAY, Fernando Filho. **A memória da abolição em Santa Catarina: imprensa, cultura histórica e comemorações (1889-1930)**. 2014. 145f. Dissertação (em História). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

CABRAL, Oswaldo R. **História de Santa Catarina**. Editora Laudes, 1970.

CABRAL, Oswaldo R. **Nossa Senhora do Desterro: memória**. Editora Lunardelli, 1979.

CONRAD, Sebastian. **What Is Global History?** Princeton, N.J.: Princeton University Press, 2016.

DA SILVA, Janaina Amorim. **Tramas cotidianas dos afrodescendentes em São José no pós-abolição**. 57f. Dissertação (em História). Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

DAUWE, Fabiano. Os estudos sobre escravidão em Santa Catarina. In: FLORES, Maria Bernardete Ramos e BRANCHER, Ana Lize (org.). **Historiografia 35 anos**. Florianópolis (SC): Ed. Letras Contemporâneas, 2010, p. 44-59.

DE BIVAR MARQUESE, Rafael. As desventuras de um conceito: capitalismo histórico e historiografia sobre a escravidão brasileira. **Revista de História**, n. 169, p.223-253, 2013.

ESPÍNDOLA, Ariana Moreira. **Papéis da escravidão: a matrícula especial de escravos (1871)**. 2016. 251f. Dissertação (em História). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande e senzala**. Univ. of California Press, 1986.

GRUZINSKI, Serge. A Amazônia e as origens da globalização (sécs. XVI-XVIII): Da história local à história global. Belém: **Estudos Amazônicos**, 2014.

---

42 MAMIGONIAN, Beatriz Gallotti. Africanos em Santa Catarina: escravidão e identidade étnica. (1750-1850) In: FRAGOSO, João et. al. **Nas rotas do Império**. Vitória: EDUFES, 2006, p. 609-643.



GRUZINSKI, Serge. Até que ponto a história nos torna mais humanos? **Ler História**, n. 70, p. 185-197, 2017.

HARTOG, François. Experiências do tempo: da história universal à história global. **História, Histórias**, v. 1, n. 1, p. 164-179, 2013.

IANNI, Octavio; CARDOSO, Fernando Henrique. **Cor e mobilidade social em Florianópolis**. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 1960.

LIMA, Henrique Espada. No baú de Augusto Mina: o micro e o global na história do trabalho. **Topoi**, v. 16, n. 31, p. 571-595, 2015.

MAMIGONIAN, Beatriz Gallotti. *Africanos em Santa Catarina: escravidão e identidade étnica. (1750-1850)* In: FRAGOSO, João et. al. **Nas rotas do Império**. Vitória: EDUFES, 2006, p. 609-643.

PEDRO, Joana Maria. Escravidão e preconceito em Santa Catarina: história e historiografia. In: LEITE, Ilka B et al. **Negros no sul do Brasil: invisibilidade e territorialidade**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1996.

PEDRO, Joana Maria. **Negro em terra de branco: escravidão e preconceito em Santa Catarina no século XIX**. Mercado Aberto, 1988.

PIAZZA, Walter Fernando. **O escravo numa economia minifundiária**. São Paulo. Resenha Universitária. 1975.

PIAZZA, Walter Fernando. **A escravidão negra numa província periférica**. Garapuvu, 1999.

REVEL, Jacques. “Micro-história, macro-história: o que as variações de escala ajudam a pensar em um mundo globalizado”. **Revista Brasileira de Educação**, V. 15, N. 45 (set./dez. 2010). p. 434-444.

SILVA, Jaime José dos Santos. **Memórias do cacumbi: cultura afro-brasileira em Santa Catarina, século XIX e XX**. 2015. 197f. Dissertação (em História). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

SUBRAHMANYAM, Sanjay. Connected Histories: Notes towards a Reconfiguration of Early Modern Eurasia. **Modern Asian Studies**, v. 31, n. 3, p. 735-762, 1997.

THOMPSON, Edward Palmer. **A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica do pensamento de Althusser**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

VAN DER LINDEN, Marcel. História do trabalho: o velho, o novo e o global. **Mundos do trabalho**, v. 1, n. 1, p. 11-26, 2009.

VENGOA, Hugo Fazio. La historia global y su conveniencia para el estudio del pasado y del presente. **História Crítica**, 2009.



WOLFF, Cristina Scheibe. Historiografia catarinense: uma introdução ao debate. **Revista Santa Catarina em História**, v. 3, n. 1, p. 52-61, 2010.

ZIMMERMANN, Fernanda. **De armação baleeira a engenhos de farinha: fortuna e escravidão em São Miguel da Terra Firme-SC: 1800-1860**. 2011. 142f. Dissertação (em História). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

---

Recebido em 06 de dezembro de 2017.

Aceito para publicação em 17 de dezembro de 2018.

